



“A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO”

**OBRAS INDICADAS PELA
COPEVE - UFPI
RESUMO DA OBRA
O GRANDE MENTECAPTO
*Fernando Sabino***

O GRANDE MENTECAPTO

(Fernando Sabino)

"Esta é uma obra de imaginação profundamente séria, e mesmo pungente, a despeito do autor, que a quis fazer burlesca e burlona, porém não resistiu à pressão interna dos personagens e das situações por eles vividas". (Carlos Drummond de Andrade in Estado de Minas - 1 de dezembro de 1979)

SUMÁRIO

- O Autor e o seu tempo.
- Bibliografia.
- O romance "O Grande Mentecapto".
- Enredo e personagens.
- Tempo & espaço.
- Técnicas narrativas.
- Linguagem.
- Classificação: Geraldo Viamundo é um pícaro?

1 - O AUTOR & O SEU TEMPO

Fernando Sabino nasceu sob o signo do Modernismo, cuja Semana de Arte Moderna - São Paulo - 1922 se projetou pelo Brasil afora.

Em 1925, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo fundavam A Revista, pioneira do modernismo em Minas. Em 1927, o Grupo Verde, de Cataguases, criava a revista Verde que foi um marco curioso e significativo do movimento modernista e suas influências no interior.

A revolução getulista de 1930 derrubou Washington Luís e o seu sucessor eleito, Júlio Prestes, de São Paulo. E estabeleceu, às escondidas e, depois, às escâncaras, a ditadura que vai cair em 1945. Infância, adolescência e juventude do autor.

De 1939 a 1945, fruto direto dos nacionalismos totalitários (fascismo, nazismo...) a Primeira Grande Guerra ensangüentou o mundo e exigiu a participação ativa também do Brasil. À margem dos movimentos nacionalistas europeus, ou à sua imagem, nasceu, no Brasil, o integralismo de Plínio Salgado com todos os camisas verdes.

São idéias e fatos que vão marcando a geração do autor e a fazem tomar partido de tendências esquerdistas (comunismo) ou direitistas (integralistas). Começa a despontar a vocação literária de Fernando Sabino: menino ainda, publica um conto seu na revista da polícia, a **Argus**. E mais tarde, 1941, sai o seu primeiro livro de contos - **Os grilos não cantam mais**. Para a sua formação liberal de escritor, vai concorrer, sem dúvida, a correspondência com o grande mestre Mário de Andrade.

A viagem e o trabalho em Nova Iorque (Escritório Comercial do Brasil) foram uma experiência enriquecedora para o seu conhecimento do país, da língua, de sua cultura e, em especial, de sua literatura. Foi em Nova Iorque que ele começou **O Grande mentecapto** (1946) e **Movimentos simulados** que, mais tarde, lhe daria grande parte de **O encontro marcado**.

Fernando Sabino é um intelectual, teoria e prática, da linha democrática liberal, sem extremismos.

2 - BIBLIOGRAFIA

1923 - Nasce, em Belo Horizonte, Fernando Tavares Sabino, filho de Domingos Sabino e D. Odete Tavares Sabino. 12 de outubro. Na sua cidade vivera infância, adolescência e juventude.

1936 - Com 13 anos publica em "Argus", revista de polícia, o seu primeiro conto.

1941 - Colabora para a revista "Mensagem", matricula-se na Faculdade de Direito e publica seu primeiro livro: "Os grilos não cantam mais" (contos).

Nascia o escritor.

"Durante o meu curso de ginásio, fui estimulado pelo fato de ser sempre dos melhores em português e dos piores em matemática - o que, para mim, significava que eu tinha jeito para escritor..." "A mania que passei a ter de estudar gramática e conhecer bem a língua foi bastante útil. Mas nada se pode comparar à ajuda que recebi, nesta primeira fase, dos escritores de minha terra Guilhermino César, João estienne Filho e Murilo Rubião e, um pouco mais tarde, de Marques Rebelo e Mário de Andrade, por ocasião da publicação do meu primeiro livro, aos 18 anos. **(Como comecei a escrever - in Para gostar de ler - Crônicas - Edit. Ática - 1979 - vol. 4 - pág. 8-9).**

1944 - Muda-se para o Rio, colabora no Diário Carioca e no Correio da Manhã. Liga-se ao grupo literário de Drummond, Rodrigo Andrade, Aníbal Machado, Pedro Nava, Carlos Lacerda, Rubem Braga, Vinicius de Moraes mais seus amigos Oto Lara Resende e Paulo Mendes Campos. Publica sua novela A marca.

1946 - Bacharel em Direito. Mudando para Nova Iorque onde vai trabalhar como auxiliar de Escritório Comercial do Brasil. Escreve crônicas que envia ao Brasil e dois romances: Ponto de Partida (rasgado) e Movimentos Simulados que, em grande parte, vai ser aproveitado em O Encontro Marcado. Faz amizade com Jaime Ovalle. Começou a escrever "o grande mentecapto...", sem maiores preocupações literárias.

1950 - Volta ao Brasil e publica crônicas selecionadas sobre Nova Iorque: A Cidade Vazia.

1956 - Encontro Marcado é o seu primeiro romance. É a história (com muitos elementos autobiográficos) de Eduardo Marciano, criança problema, temperamental, birrenta e inteligente. Pelo fim do curso ginásio, marcou um encontro para depois de 15 anos com seus colegas Mauro e Eugênio Maldonado. É a história de um encontro, de uma busca: encontro e busca, no fundo, de si mesmo. O que interessa, no romance, é Eduardo Marciano, sua geração, seus problemas, seus conflitos, a procura de um sentido para a vida. É o testemunho de uma geração.

De então para cá dedicou-se quase só à crônica e reportagens publicando vários volumes e valorizando o gênero. Suas crônicas, quase sempre, se misturam com os contos. Neles, nelas, o domínio da língua, ágil, correta, jornalística, uma sensibilidade incomum diante do mundo que capta com inteligência, sentimento contido e aguda capacidade de análise.

1964 - 1966 - Adido cultural em Londres e correspondente do "Jornal do Brasil". Semanalmente, apresenta uma crônica na BBC, programa para o Brasil.

1967 - Torna-se editor juntamente com Rubem Braga: Editora Sabiá.

1972 - Funda o Bem-te-vi Filmes para a produção de documentários sobre a literatura brasileira contemporânea. Vende a editora.

1977 - Tem sua crônica semanal publicada em grandes jornais do Brasil. É um escritor que tem uma consciência profissional: vive do seu trabalho.

"Escrever para mim, em geral, é uma obrigação, da qual tiro o meu sustento. O que eu gosto mesmo é de já ter escrito. E de ler, ouvir música de jazz, ficar vadiando pelo bairro onde moro e, principalmente, de conversar fiado com meus amigos. (in Para gostar de ler - Edit. Ática - 1978 -

vol. 3, pág. 8-9).

1979 - Sai, finalmente, um romance começado em 1946, há 33 anos: O grande Mentecapto - Relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de sua inenarráveis peregrinações. Não sabe dizer como pôde faze-lo, e sua impressão é a de que teve o livro dentro de si durante todo esse tempo, ansiando por sair. O certo é que, nele reencontrou a sua vocação de romancista. (Orelha de O Grande Mentecapto). O romance encontrou o seu caminho, e como o Geraldo Viramundo, está por aí em longas andanças, de mão em mão, fazendo rir e chorar, cheio de lúcida loucura, de muito mineirismo e de um pungente sentimento humano. Para além das Minas Gerais, pelo mundo, um dia, Geraldo Viramundo e o seu romance... vão se tornar universais. É mais um irmão do imortal D. Quixote. Ninguém se lembrará de Geraldo Boaventura. Ninguém se esquecerá do Geraldo Viramundo. (Você sabe qual o nome do batismo de D. Quixote de La Mancha?).

1980 - Continua sua vida de jornalista e escritor. Vive da profissão.

3 - O ROMANCE "O GRANDE MENTECAPTO"

Edit. Record -Rio - 1ª ed. 1979

1. Eis que, de repente, em meio da enxurrada de romances e contos engajados, políticos, meras reportagens, sem criatividade e também sem estilo, aparece uma flor exótica, o novo romance de Fernando Sabino, O Grande Mentecapto (Record - Rio de Janeiro, 1979).

Depois de 23 anos de recesso, em que suas atividades literárias se estenderam pelo jornalismo, pela crônica, pelo conto e pela novela, volta ele ao romance, com este seu novo livro, em que a realidade é mostrada sob aspectos humorísticos e seu herói, um D. Quixote mineiro, vagamundeia pelas terras das Gerais. Bem longe estamos daquele quadro de uma geração abrindo seu caminho para a literatura e para a vida, que é o seu romance - memorialístico, Encontro Marcado, que tanto êxito obteve.

Como seus contos e crônicas prenunciavam, com seu humorismo, suas situações cômicas, suas ironias, suas sátiras, o novo livro compreendia tudo isto nas páginas deste romance picaresco em que o herói ou o anti-herói é como a criação imortal de Cervantes. Mas com seu imortal antecessor sempre teve um ideal de proteção dos fracos e dos humilhados, de consertar "Los tuertos" de que a vida está cheia. E mais, e um pícaro sem picarice, não é amoral, traiçoeiro, malandro, vigarista. Suas aventuras e desventuras lhe advêm da sua honestidade, do seu ideal, de seu senso da liberdade e da justiça. Por isso, como D. Quixote, sofre, apanha, é ridicularizado e morre defendendo um ideal de justiça e liberdade, ao se fazer o chefe duma revolta de presos, de loucos, de mendigos e de prostitutas.

Fernando Sabino acaba de criar com seu personagem Geraldo Viramundo, cujo nome verdadeiro é José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva, mas era conhecido por 52 alcunhas com as quais lhe marcavam a figura estranha, um personagem, que ficará em nossa literatura ao lado de um Leonardo Pataca, de um Marco Parreira, de um Simão, o Caolho, de um Simão Bacamarte, de um Capitão Vitorino, de um Coronel Ponciano, dada a imortalidade que lhes insuflaram seus criadores." (Oscar Mendes - in Um Romance picaresco - Estado de Minas - 12/12/1979)

2. Fernando Sabino, na posse madura da arte de escrever, mostra-se sempre à vontade neste livro ágil, matreiro e comovente, em que loucura e razão se entrelaçam, e não se sabe ao certo onde está o absurdo: se naquela, ao afirmar-se com espontaneidade e singeleza, ou nesta, que se cobre de formalismo e impostura. A vitória da segunda era inevitável. Todo romance que se preza acaba mal para o protagonista, como na vida. Nem por isso é invalidada a aura de sublime

irresponsabilidade que envolve Geraldo Viramundo, herói caricato de um mundo alicerçado na violência e na iníqua repartição de coisas.

A escrita fácil de Sabino expõe um problema difícil, para não dizer insolúvel. Na essência, mineiros ou não, somos um pouco Viramundos, que a educação e a conveniência frearam no nascedouro, mas que nem por isso deixam de sentir bulindo lá dentro um princípio de inconformidade, ansioso de ar público. Viramundo é região em seu destino solitário. A gente sai do livro amando o mentecapto como o irmão que não tivemos, ou mesmo o pinel que guardamos ou que fantasiámos de sisudo, para melhor nos defendermos do bom senso de outros pinéis menos delicados.

(Carlos Drummond de Andrade in Viramundo, eu, você e os outros - Estado de Minas - 1/12/1979)

3. Numa manhã mineira feita de sol e montanha

uma figura estranha
apareceu.

Comida no papinho
pé no caminho.

Por esse mundo

Geraldo Viramundo
se meteu.

Nessas suas vãs
andanças levava

um saco cheio

de esperanças e de
sonhos atrevidos e um
montão de apelidos

pra quem quisesse xingar.

Com a roupa do

corpo apenas com algumas

penas de amor e uma

vontade louca de caminhar.

Era um cavaleiro andante

de muita fé de fé de mais.

Mas não andava de cavalo

galopante andava a pé

pelas Gerais.

E foi deixando atrás

a briga e a paz

e as aventuras de alegrias

e loucuras de um maluco

sonhador (Ai! Marília louco amor...)

que queria porque queria

a torto e a direito

dar um jeito do mundo.

E foi ficando ressoando

o riso, a vaia, o fracasso

a cada passo.

E foram também ficando.

Na memória das estradas

pelas ruas das cidades

suas marcas, seus sinais

a poeira levantada

a vida feita em pedaços
longos quilômetros
de passos tudo e nada.
E Geraldo Viramundo
pelo mundo se perdeu.

Agora, a última cartada,
ou tudo ou nada
e Geraldo
Viramundo
Giramundo
Rolamundo
de uma estocada
morreu.

4 - ENREDO & PERSONAGENS

Como é norma do romance picaresco, tudo gira em redor do herói, isto é, do pícaro. Em torno de Geraldo Viramundo e seus inumeráveis apelidos. Filho de um português, o Boaventura e de D. Nina, italiana. Seu nome de batismo: Geraldo Boaventura. Seu nome de nobreza: José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva. Sua glória e imortalidade: Viramundo. Um doido manso (doido de seguirmos os padrões tradicionais com que nossa sociedade mede normalidade e anormalidade) que saiu pelo mundo (das Minas Gerais), vivendo e sofrendo, em procura da liberdade. Uma liberdade natural, humana, total.

Nasceu e viveu sua infância em Rio Acima: fez tudo que os meninos, da idade, costumam fazer. Brincou muito no rio de sua terra. Fez para o trem que não parava nunca na sua cidade. Apostou que faria para o trem e ganhou a aposta de quinze amigos, treze meninos e duas meninas. (A Cremilda, filha da professora e amada de todos e a pretinha Salomé...) Com a façanha começa a virar herói. (Para parar o trem, ficou no meio da linha. O maquinista não teve outro recurso. Freou a composição. E xingou muito...) Um dia, de conversa com o Pe. Limeira, manifestou vontade de ser padre. Houve choradeira geral em casa. E ele foi para Mariana. Nada ou quase nada se sabe de sua vida seminarística. O certo é que um dia se meteu num confessionário e ouviu as inconfiências da viúva Correia Lopes, D. Pretolina, D. Lina, vulgarmente chama de Peidolina. Descoberta a malandragem, o seminarista Geraldo Boaventura foi expulso da casa sagrada do seminário... Mais tarde se põe em defesa da viúva, leva uma pedrada e é expulso aos gritos e empurrões. E começou a palmilhar os caminhos da vida: tinha 18 anos e se chamou Viramundo.

Suas andanças abrangem numerosíssimas cidade mineiras, de todos os cantos e tamanhos, até chegar a Belo Horizonte. Sempre metido em aventuras e desventuras... Foi em Ouro Preto que conheceu a amada do seu coração - Marília Ladisbão, filha de Clarismundo Ladisbão, Governador Geral das Minas Gerais. (Viramundo, como D. Quixote, se apaixonou por essa Dulcinéia...) E o amor lhe trouxe muitas amolações. No meio dos estudantes que vão representar para o Governador, atrapalha tudo, erra o seu papel, é surrado e acaba num hospital. Numa festa ao Governador, o herói se mete em comilanças e acaba com uma irresistível dor de barriga. O toailete estava ocupado. Não podia esperar. Subiu uma escada, encontrou um cano, certamente do esgoto, e o jeito foi descarregar no dito cano. O cano descia livre, condutor de ar, em cima dum ventilador... A festa acabou, o Governador se foi... Sem a presença da amada, Viramundo deixa Ouro Preto.

Esteve em Barcelona, acabou num hospício e candidato a prefeito. Na cidade, gastou o seu francês com o grande escritor Bernanos. Depois foi servir à Pátria num quartel. Foram tantas e tamanhas as suas atrapalhadas que foi devolvido à simples vida civil. Esteve em São João Del Rei, andou preso em Tiradentes, onde conheceu o João Toco que contou sua própria vida.

(Giramundo, Viramundo, Rolamundo... e o tempo, e a vida vão passando...) Até os profetas do Aleijadinho, em Congonhas, conheceram o grande metencapto.

Em Uberaba pegou touro à unha. Andou de ceca em Meca, cumprindo o seu destino de andejo. Em Cataguases, segundo dizem, foi confundido com o escritor Rosário Fusco, outro grande pícaro.

(Leitor, veja nas pág. 185 a 188 alguns lugares dos muitíssimos que o nosso herói conheceu. De agora em diante eles ficarão imortalizados pelo seu nome, isto é, apelido, e pela sua glória imortal...)

Em Belo Horizonte, metido com uma multidão de gente miúda, mendigos, prostitutas, vagabundos, desocupados, injustiçados, arraia-miúda... faz uma revolução. E com apoio de muitos políticos da oposição, parlamenta com o governador, mas nada resolve. A polícia cercou a Praça da Liberdade, dissolveu a multidão, acabou com a revolução do herói Viramundo. E ele sozinho, ou quase, com dois companheiros amigos fiéis, o Capitão Batatinhas e Barbeca (vendedor de esterco), se meteu em direção do Rio de Janeiro. Em protesto cívico, diante do Presidente, iam reivindicar os direitos de todos os injustiçados. Não chegou lá. No meio do caminho, perto de sua terra, foi amarrado, espancado e, com uma estocada no peito, fechou os olhos para este vale de lágrimas.

Geraldo Boaventura, 33 anos, sem profissão, natural de Rio Acima, foi enterrado como indigente numa cova rasa do cemitério local. Causa mortis: ignorada. Descanse em paz.

Foi assim que Geraldo Viramundo e todos os outros seus numerosos apelidos deixou o anonimato em que vivera, sofrera e morrera, para entrar na imortalidade.

Quem quiser saber do destino de muitos outros personagens dessas estórias, leia o epílogo do livro. O autor imortalizou ainda o último sorriso do pobre e grande herói.

"De viramundo, fica apenas o sorriso que se eternizou na sua face." Ai Viramundo, Viramundo, dessas Minas Gerais! Quem te conhece não esquece jamais...

5 - TEMPO & ESPAÇO

O Romance é contemporâneo, da geração do autor (1923): o personagem Geraldo Viramundo, sem dúvida, foi criado à imagem e semelhança de Geraldo Boi, figura conhecida nos meios intelectuais de Belo Horizonte, hoje com os seus sessenta e poucos anos. Foi seminarista, estudou na Faculdade de Letras da U.F.M.G., tem cultura humanística, vive ao deus dará, tem lá a sua dose de loucura, aquela pitada de sandice, que todos devemos ter. Pode-se supor, então, que Viramundo veio ao mundo, lá por 1915. Mas não tem maior importância o tempo cronológico do romance e nem ele se limita a datas marcadas. O Viramundo é nosso contemporâneo, convive ao nosso lado, é do nosso tempo, apesar de certos enjoamentos de linguagem...

E por onde andou o Viramundo? Por esse mundo afora, pelos caminhos empoeirados das Minas Gerais. Por ceca e Meca. Pelos cafundós do Judas. Palmilhou muito chão, andarihou por muitas cidades do nosso Estado, um rosário de nomes, um feixe de aventuras... Por todas a Minas Gerais há um sinal, uma lembrança, uma referência à passagem de Viramundo. Leia-se a lista das cidades que o conheceram da página 185 até 187. O tal de Viramundo tinha calcanhar de cachorro... Como andava! Como andou!

Pegue um mapa de Minas Gerais e veja, e vá marcando, com pontinhos, a enfiada de lugares e lugarejos, cidades e cidadezinhas por onde passaram as botas-de-sete-léguas do nosso herói. Seguindo os passos numerosos e cansativos do grande mentecapto iremos traçando um mapa, não simplesmente históricos e geográfico, da terra mineiras, mas de coisas, bichos e gentes, de usos e costumes, festas e crenças e credences...

6 - TÉCNICAS NARRATIVAS

1. A narrativa se faz na terceira pessoa: o narrador não é personagem do romance, mas, de vez em quando se intromete nele... É onisciente e onipresente. Finge que é um pesquisador que andou atrás de todas as informações sobre o herói e, com elas, foi tecendo um "relato das suas aventuras e desventuras, de suas inenarráveis peregrinações".

O livro se divide em apenas oito capítulos e um epílogo: cada capítulo, de título longo e explicativo, imitando o gosto antigo das estórias de cavalaria andante. D. Quixote começa assim:

"Capítulo primeiro - Que trata de la condición y ejercicio Del famoso hidalgo com Quijote de la Mancha".

E o último:

"Capítulo LXXIV - De como don Quijote cayó malo, e del testamento que hizo, y su muerte".

No epílogo, o narrador, satisfazendo uma possível curiosidade do leitor, conta o final das estória dos outros personagens, os seus destinos, se ainda vivem ou se já se foram para a melhor vida. Como era também praxe antiga, o narrador fecha o seu relato com um grande "D E O G R A T I A S".

A frase final do epílogo, escrita em espanhol, pode servir de epígrafe a todo o livro: todas as vicissitudes que encheram (em duplo sentido) a vida e a morte do herói, tudo o que aconteceu ou podia ter acontecido, foi fruto da fragilidade, das limitações, das imperfeições do ser humano ("bicho da terra tão pequeno" segundo o verso camoneano). E não da fatalidade, da força das coisas.

Donde leese por la debilidad e de los hombres. (232)

E por fim, o autor ainda inventou uma curiosa bibliografia de autores reais e títulos inventados. E tudo fala do Viramundo.

2. A narrativa é, predominantemente, linear e segue (costume de novela picaresca) a ordem cronológica dos acontecimentos: nascimento, origens, família, as peripécias, aventuras e desventuras, até a morte do nosso vagabundo. No miolo do romance se encadeiam os episódios, as façanhas, os incidentes, o que serve para "engordar" a narrativa. Tudo gira em torno de Viramundo.

3. Para criar os personagens da novela picaresca, o autor usa e abusa dos traços caricaturais. E, assim, o herói e o seu pequeno mundo adquirem, pelos exageros caricaturais, traços e elementos capazes de levar ao riso e à sátira. Os apelidos também entram na jogada, principalmente aqueles que têm características depreciativas. Geraldo Boaventura (é o herói) tem 53 apelidos citados nas páginas 54 e 56. "Além desses, centenas de outros apelidos, epítetos, alcunhas, cognomes, ápodos e aliases..."

4. Há, no romance, algumas notas explicativas, muitas referências e acontecimentos e pessoas reais: Napoleão, D. Pedro, Tiradentes; Shakespeare, Maiakovski, Beethoven, Freud, Jung, Albalat, Umberto Eco; muitos escritores brasileiros, gente viva e morta;

5. O autor usou também do recurso de inserir uma estória ou estórias dentro da estória maior. João Toco conta sua estória para o Viramundo. (152 e segs.);

6. Fazem-se citações em francês, espanhol, inglês, latim, mostrando a erudição do pesquisador ou os conhecimentos do próprio ex-seminarista, transformado no herói Viramundo;

7. Às vezes, o narrado se mete no romance e sua a primeira pessoa. Como naquela sincera tirada lírica que começa: Ai, Viramundo de minha vida... (187 a 1888).

7 - LINGUAGEM

1. A linguagem solene, construída de vocabulário selecionado a propósito, serve para a imitação da linguagem antiga, das novelas picarescas ou de cavalaria como a de D. Quixote. (Viramundo, como o nome indica, é um cavaleiro andante, mas sem cavalo, a pé...) O rebuscamento das palavras é um recurso para alcançar o clima ou o tom de narrativa.

Junto com esse vocabulário, clássico e arcaico, estão palavras chulas, grosseiras, disfêmicas que ferem o nosso pundonor. (O pundonor é para acompanhar o rebuscamento do texto e do personagem Viramundo...). Está claro que Fernando Sabino trabalhou a sua linguagem dessa maneira, intencionalmente, conscientemente e com inteligência e gosto. Sem ela, fatos e personagens, a vida do romance perderia muito de sua expressividade. Tudo nasce dessa linguagem adequada ao romance picaresco do grande mentecapto.

2. A linguagem acompanha a intenção que é, fundamentalmente, satírica. O uso de trocadilhos, jogos de palavras também servem para alcançar o ridículo ou risível. Como no caso dos nomes dos generais em campanha. Leia: Gal. Passos Dias Aquiar: Gal. Jacinto Aquino Rego: Gal. H. Romeu Pinto...

3. Outro recurso de linguagem usado pelo autor é a enumeração caótica: uma seqüência de palavras uma série de coisas, fatos, episódios, elementos heterogêneos. É uma tendência moderna, embora não fosse desconhecida na narrativa de antigamente. Para falar e resumir a vida dos heróis (pág. 11 e 12) há uma longa enumeração dos feitos e malfeitos do Viramundo. Começa com o menino e acaba com o homem: "como seus irmãos ele comeu terra, botou lombrigas, arreventou cupim para ver como era dentro..... (no fim) sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide e virou homem.

4. Fernando Sabino conhece bem a língua, sua gramática, seu dicionário, seu espírito e escreve com modernidade, ligeireza, naquele estilo jornalístico, vivo e comunicativo. No romance como já se viu, ele rebuscou um pouco para as finalidades e intenções do livro. Leia-se o final, rápido, simples, de pungente beleza: a morte do grande herói.

"Nem havia nada a fazer: naquele instante, Viramundo entreabria com dificuldade as pálpebras intumescidas pelas pancadas, olhava seus dois amigos e tornava a fechá-las, depois de tentar falar qualquer coisa e não conseguir. Então, sem uma palavra, entregou o espírito. Mas seus lábios pareciam entreabertos num sorriso. (225)

Geraldo Viramundo é um Pícaro?

A palavra pícaro tem origem incerta e aparece como "sujeto ruin y de mala vida" desde o século XVI.

"Cuando Dios llueve, ni más ni menos cae el agua para los ruines que para los buenos: y cuando el sol muestra su cara de oro, igualmente la muestra a los pícaros de corte que a los cortesanos. (Salazar - Carta del Bachiller de Arcadia - apud Corominas - Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana - Edit. Gredos - Madrid - 1954 - vol. III in verbete: pícaro)

O grande mentecapto é um malandro, um vagabundo como o Leonardo de Memórias de um sargento de Milícias (Manuel Antônio de Almeida), o Macunaíma, de Mário de Andrade, ou o Coronel Ponciano de O coronel e o lobisomem de José Cândido de Carvalho. O que vale dizer que é um parente próximo do pícaro. O que não quer dizer que seja igualzinho ao pícaro espanhol, Lazariello de Tormes ou Estebanillo González. E nem o pícaro espanhol é o pai de todos: o Satíricon, atribuído a Petrônio, apresenta três pícaros, "avant la letre: Encólpio, o narrador em primeira pessoa, Ascilto e Gitão. (Edit. Civilização Brasileira S.A. - tradução do francês, de Marcos Santarrita - 1972).

Na Idade Média, as fábulas criaram pícaros no reino animal: a raposa, por exemplo.

A literatura espanhola (séc. XVI) o fixou, definitivamente, com "La vida de Lazarillo de Tormes y sus fortunas e adversidades". (Note-se o subtítulo de O Grande Mentecapto: "relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações").

"Pícaro: tipo de persona descarada, traviesa, bufona y de no muy cristiano vivir... El pícaro, según creo, es el resultado de la combinación de un estoico y de un cínico. (Bonilla y San Martín - apud Manual de Literatura Española - Rodolfo M. Ragucci - Editorial Dom Bosco - Buenos Aires - 3ª ed. s.d. pág. 237).

"Añadase a todo que, aunque vicioso, el pícaro no es criminal y, a fuer de español, lleva siempre um sedimento religioso y cierta nobleza de corazón." (Ragucci - ib. Pág. 237)

Os pícaros não guardam rigorosa fidelidade aos seus antepassados, vão se adaptando aos tempos, modificam-se, insistem mais numa do que outra característica genética, podem até mudar de nome, guardam afinidades, perdem algumas características...

O Geraldo Viramundo é um pícaro. Mesmo que não tivesse nenhuma ligação mais evidente com a novela picaresca da literatura espanhola. Mas, o que é uma novela picaresca?

O romance picaresco tem algumas marcas identificadoras:

1. Geralmente a narrativa é parte ou toda a vida do personagem central, narrada na primeira pessoa, em forma de autobiografia. No caso de Viramundo, há um narrador de terceira pessoa, fora da narrativa.

2. A narrativa apresenta um enredo frágil, formado de uma série de episódios fragmentários, levemente interligados. O narrador vai apresentando episódios, anedotas, peripécias da vida do Viramundo, numa ordem predominantemente linear, cronológica, do nascimento à morte. Os episódios podem até se isolar, quase independentes. Encadeados, forma a trama da sua vida aventureira.

3. O personagem é plano, estático, não muda o seu comportamento, fica o mesmo de cabo a rabo: pequenas mudanças exteriores não prejudicam sua uniformidade interior. O Viramundo é um só, a vida inteira.

4. Mesmo que o fundo da(s) estória(s) seja romântico, os processos são realistas:

- a) linguagem direta;
- b) vocabulário desbocado, pornográfico;
- c) fatos cotidianos, corriqueiros, observados ao vivo.

5. A predominância da sátira, clara ou escondida, que se revela no tom e nos traços caricaturais. Nenhum personagem escapa das linhas caricaturais e a figura mais caricatural é o Geraldo Viramundo, nosso herói.

6. É difícil separar o crime da simples malandragem, o Viramundo age numa faixa perigosamente amoral, se não imoral, mas não cai no abismo. Anda entre o barranco e a ribanceira. E desaparece, no fim, com uma morte transfigurante, daquelas que fazem do covarde, do bobo, do ingênuo, um herói. Quase um redentor, lutando pelo bem e pela justiça.

7. O pícaro adota condutas conflitantes com os padrões sociais, voluntariamente ou não, contestando o que está estabelecido para a vida em grupo. Aparece como um doido, mas lúcido através de quem se vê um mundo diferente e se criticam os costumes. O pícaro é também um "gauche".

Em José Ortega y Gasset, num estudo sobre Pio Baroja, há algumas idéias sobre o vagabundo. Quem sabe se Geraldo Viramundo, mais do que um pícaro é um vagabundo? El héroe

de Baroja es el vagabundo. Nada mejor podía hallar para reunir en um solo individuo sus dos tendencias: la crítica y el momento dinámico.

El vagabundo es una mixtura del pícaro y del idealista. El vagabundo no vaga el mundo por motivos externos; no es un fracasado, no es una hoja arrastrada de acá para allá. Vaga como el cenobiarca se fabrica una soledad en torno; como el poeta levanta un verso; como el lonjista pone em limpio sus cuentas y el pensador construye su ideal edificio..... El vagabundo es un hombre que no se atiene a un medio: fugitivo de todas las costumbres, llega, echa una ojeada y se va. Es un Don Juan de los pueblos, de los oficios y de los paisages. Atraviesa todos los medios sin fijarse en ninguno. Tiene el alma dinámica de una flecha que en el aire hubiera olvidado su blanco. (Obras Completas - revista de Occidente - Madrid - 1963 - tomo II - pág. 124-125).

